

padê editorial

cole-sã escrevivências

apoio:
Fundo Elas de investimento social

inverno2018
distrito federal

padê editorial

piera
schneider

águas viva

cole-sã escrevivências n. 07

água viva

Poemas de **Piera Schnaider**

edição, diagramação, revisão: tatiana nascimento
concepção da arte: tatiana nascimento
coordenação das oficinas de encadernação: kati souto

ilustração da capa: Afonso Schnaider

padê editorial é um coletivo editorial
que publica autoras negras y/ou lgbtqi+,
fundado por tatiana nascimento y bárbara esmenia,
em brasília / DF
www.pade.lgbt
pade.editorial@gmail.com

água viva foi feito no df, em agosto de 2018, como parte do projeto “Escrevientes: autopublicação artesanal de narrativas LBTs”, proposto pela padê e selecionado pelo Fundo Elas de Investimento Social em edital de 2018

tipografia: hero (capa), ogirema e chicago (miolo)

Schnaider, Piera
água viva / Piera Schnaider. - 1a. ed. - Brasília (DF):
padê editorial, 2018.

ISBN: 978-85-85346-08-9

1. poesia l. título.

sobre a cole-sã escrevivências

inspirada no conceito de escrevivências de conceição evaristo, a cole-sã escrevivências, da padê editorial, é dedicada a textos de autorxs lgbtqi+ negrxs* estreantes, produzindo literatura contemporânea. são 50 títulos de livros cartoneros (com capa de papelão reutilizado!), escritos por autorxs sapatonas, travestis, mulheres y homens trans, gente não-binária, povo preto sexual-dissidente de um monte de lugares num brasil que insiste em nos matar, nos impedir de sonhar, de falar com nossa própria voz. mas mesmo assim: aqui estamos, falamos, escrevemos. sonhamos! fazemos nossos próprios livros.

foi no blog de conceição que li “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. o racismo htcisnormativo, mola de funcionamento do sistema colonial que fez nossa banda do continente ser como é (escravocrata, lgbtqifóbica, espraiente de genocídio negro, indígena, de transfeminicídio, classista, desesperançosa, fundamentalista) tem entre suas principais ferramentas políticas de silenciamento: tenta nos roubar de nossas palavras, contaminar colonizando nossa expressão/discurso/narrativas, quer despermitir que plantemos nosso próprio imaginário. difundir seus estereótipos sobre nós enquanto finge que não vê não ouve o que nós mesmxs temos a dizer sobre nós.

selecionar esses textos y autorxs tem a ver com uma fé no contar nossas próprias histórias. y histórias que curem nosso passado, alimentem nosso presente, construam nosso futuro: além de incomodar sonos injustos, embalar os nossos sonhos de mundos, imaginários, afetos, existências possíveis, plenas, autodeterminadas, autoafirmadas literariamente.

todos os livros publicados na cole-sã têm licença *creative commons* tipo “atribuição-não comercial-sem derivações”, o que significa que você pode compartilhar o material em qualquer suporte ou formato, desde que a autoria seja atribuída (“atribuição”) y desde que não seja feito uso lucrativo do material (“não comercial”). se você modificar esse conteúdo, tampouco pode distribuí-lo (“sem derivações”).

tatiana nascimento, organizadora

*75% dxs autorxs publicadxs se autodeclaram negrxs

quando
as nuvens
fazem
sexo
deus até
sai
de perto
um
relâmpago
basta
e começa
o universo

viva
a vulva
vinho
beterraba
ou uva
na terra
molhada
cheiro
de chuva

uma mariposa
procura
a luz do luar

perece no lustre
tentando voltar
pra casa

quantas vezes
já não morri
em busca
do seu olhar

de farelo em farelo
construo galáxias
a esmo

o amor
é essa falácia
que inventa
a si mesmo

era uma vez
todas as mulheres
com bigode chinês

e ali talvez
todas as muralhas
esperando sua vez

no
semblante
púrpura
um
sorriso
fúcsia
na
ruptura
da pele
um
toque
de
pelúcia

esvoaçante
um sonho dançante
se lhe tiram o véu
desfaz-se o instante
efêmeros
seus passos passam
por aqui
nós a sós
num só semblante
dançamos delirantes
até a noite cair
antes que o sol
no céu levante

escrevi
meu nome
na pedra
virei
poeira
e
treva
nas
entranhas
da terra
criei
primeiro
as
vértebras
depois
as próprias
pernas

na curva
do iceberg
das
estrelas
de
gräfenberg
a via láctea
emerge

a lava
penetre
o
mundo
leve só
um
segundo
pra eu
sair
desse
coma
profundo

a água
traz de casa
o tamanho

numa gota
o oceano

tenho em mim
o mistério
das chuvas
tenho dentro
o sabor do café
meu corpo
é meu império
é e não é

tenho os três
triângulos
de gizé
sei o segredo
na ponta
dos dedos
sei o segredo
na planta
dos pés

em círculos
o tique-taque
vem da maré
toque
sem medo
seu relógio
é seu pulso
só e só
sinta qual é

circulo
por tuas
veias e
mamilos
maduros
partícula
por
partícula
eu engulo
a bruta
seiva
que te
alimenta
o
estômago
em
que me
embrulho

flor
 afloro
 nos teus seios
 nos teus poros
 em segredo
 cresço
 no teu colo
 entre
 as tuas coxas
 evaporo

corro
 as horas nuas
 das tuas estrelas
 voo
 até a ponta
 deste fio vermelho
 amarrado
 no teu tornozelo

moro
 sob a tua pele
 embaixo
 das unhas
 por baixo
 dos pelos
 debaixo
 do teu travesseiro
 no vão das veias
 destes teus cabelos

meu amor
 se você topar
 amanhã
 a gente acorda cedo
 e foge
 pro quarto de espelhos
 onde os dedos se tocam
 onde a lua se molha
 e lambe teu corpo inteiro

no atrito
dos ossos
a faísca
primitiva
no fogo
dos olhos
a mímica
da saliva
no rastro
dum raio
que
anoitecia
em plena
luz do dia

tanta palavra
não digo
nem escrevo
deixo a poesia
na ponta da língua
até a hora do beijo

me toca
como tua
canção favorita
seja
o toque tanto tonto
que levita
pelos pela pele
habita
meu corpo violão

me canta
como tua
letra mais bonita
crava
tuas notas
nas minhas costas
dedilha
estas cordas postas
em tuas mãos

me escuta
como teu
refrão preferido
seja
a língua leve louca
que levanta
o vestido da boca
seja chão
seja teto
bem que me quer
sussurra
uma bobagem qualquer
ao pé do meu ouvido
seja tom
seja tão

nem tudo
é o que parece
acenos ao vento
aqui dentro
tem coisa que só é
quando desaparece

esta água
que
me volve
que
me move
que
me salva
a válvula
que
me escapa
em voltas
sempre
volte

pra casa

comi todos os pecados
 até engolir a mulher
 que eu quero ser
 tem tanta beleza
 de olhos fechados
 menina
 por que você não deixa
 todo mundo ver

tem alguém olhando
 bem no fundo dos seus olhos
 enxergando
 o que o espelho
 não consegue esconder
 reflita um pouco mais
 por trás dos velhos mundos
 tem um novo pra conhecer

vem navegar em você
 vem
 descobrir o que quer dizer
 você

vem navegar em você
 vem
 descobrir o que você
 quer dizer

de repente
me veio o estalo
na minha idade
o tempo ventasse
passaria pelo ralo
como estreasse
a gravidade

no
movimento
dos trilhos
onde
a palavra
começa
onde
a poesia
termina
bonde
andarilho
depressa
me pego
na próxima
rима

a fumaça mente o fogo
o afago trai os poros

uma mulher
na cama
outra
nos olhos

ai
minha santa luzia
bem que você podia
dar de ver
a quem não via

ai
minha santinha
dos olhinhos
se luzia
um pouquinho
eu bem que agradecia

tantos
gritos
siameses
separados
pela
precisão
cirúrgica
dos deuses

e eu aqui
tentando
ouvir a
eternidade
pelas
paredes

toda ouvidos
conviver é viver
com os ruídos

na calada
da língua
um estalo
no pescoço
à míngua
de osso
tasco
no gargalo
palavras
vão e vêm
pelo ralo
da boca
masco
até o talo
falo pouco
quase nada
ouço bem
o que calo

vendo o futuro
de agora
a saudade
não dá vontade
de ir embora

lambo
lenta
mente
pinta
por
pinta
de
ponta
à
outra
no
ponto
de
toque
levanto
uma
ponte

entre
a língua
materna
e
o limbo
da boca

gosto do gosto
do beijo cadente
dado ainda quente
no dorso da mão

aposto no oposto
do avesso da gente
versões diferentes
do sim e do não

entre
a terra e o continente
água doce adoça o sal
água salgada salga o
doce
e correndo assim
impunemente
a cadência agridoce
é tão normal

a água não é
mais a mesma
nem mesmo
nós somos iguais
ao que
um dia fomos
aquela
doce euforia
de sóis e de saís
se mudamos
misturamos
o rio com o mar
se trocamos
de lugar

os olhos
de antes
hoje
orbitam
ao
contrário
o corpo
de ontem
agora
percorre
outro
itinerário
o que era
matéria
em mim
se
desintegrou

sobrou
alguma
coisa etérea
entre
o que vim
e ficou

não
fosse
o vício
passo
em falso
no
precipício
ia
embora
antes
do raio
com
a brisa
de maio
na hora
exata
do
solstício

pra que pressa
sua sombra me
atravessa

de que será feito
 o divino tecido
 que tece o mundo
 qual mínima
 partícula
 resiste ao tempo
 das pedras
 será que é silêncio
 será que é o vento
 ou apenas giz

se houver templo
 e dentro dele
 um lamento
 deus é mulher
 toda vez
 que ela sonha

por um momento
 por um incenso
 surge um tremor
 na face da terra
 bem debaixo
 do nosso nariz

o invisível
 é feminino
 menina
 menino
 é só ver
 o que manda
 o figurino

fumando
que nem louca
acendo uma boca
na outra

no fim
dos
ecos
existe
um
estouro

abafo
os
cacos
se
peco
aos
poucos

há
séculos

perco
o
corpo
e
não
morro

PECADO ORIGINAL

nas arestas
da boca entreaberta
o primeiro dia do ano
é sempre o desengano
mais tosco

aço sob abraços
- nenhum laço -
dragões
cuspindo caroços

o hálito da manhã
é
fogo contido
como todo plano
feito ao domingo

o sufoco vindo
não sobrar
osso sobre osso

a passos lentos

quem não tem chão
caça com vento

acredito
cegamente
em sombras
de
passarinhos
no chão

sozinhos
aprendem
a voar e
se vão

e como
ficou chato
ser eterno
agora
o dinossauro
será moderno

sobre a autora

Piera Schnaider nasceu em Maringá, interior do Paraná, em 1989. Formou-se em Direito, pela Universidade Estadual de Maringá, em 2012. De 2013 a 2017, trabalhou como assessora jurídica no Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, em Curitiba. Em 2014, ganhou bolsa de criação literária do Ministério da Cultura.

cole-sã escriturências:

escura.noite, kati souto
sal a gosto, esteban rodrigues
paragrafia 44, lélia de castro
44 sentimentos, cleudes pessoa
cartas para NegraLua, débora rita
oju oiyn, okan iná, beatriz fernandes aqualtune
água viva, piera schneider
desculpa por ainda escrever poemas de amor, julianna motter
flores em coração cerrado, tati carolli
a saudade é mulher, fernanda fernandes muniz
delírios de (re)xistência, geise gênese
trans|bordô, lara ferreira
in-quietudes, vandia leal
coração no asfalto, márcia cabral
ser y estar en otros matices, rocío bravo shuña
olindeza, maryellen cruz
concha, sabrina leonardi
piroclastos, lázaro
afro latina, formiga
alumbramento marginal, bianca chioma
deve haver haveres para que a gente siga existindo, laila oliveira
EP, preto téo
tinkuy, jade bittencourt
no âmagô, enzo iroko
sapa profana, raíssa éris grimm
sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade
decolonial, viviane vergueiro
amar devagarinho..., bruno santana
a piada que vocês não vão contar, kuma frança
guarda-versos: palavras que não pude calar, adrielle do carmo
bricolagem travesti, maria léo araruna
notas de um interior circuntante e outros afetos, calila das mercês
cartas para ninguém, diana salu
764 – da barragem pra cá, raquel prosa et. al.
meus versos e inversos, augusto liras

olho de imbondeiro, lohana kárita
cantos de proteção, resistência e denço: cada pétala é um ser,
babosa maresia e karina das oliveiras
crônicas coyote, márcia marci et. al.
fragmentos_, juliana tolentino
vagamente, daniel brito
uma natureza secreta, luci universo
eccise, lídia rodrigues
caos – recortes de um peito negro, victória sales
diversas maneiras de amar, victor alejandro
comer do próprio coração pra viver na própria pele, capitú

cole-sã Odojá:

esboço, tatiana nascimento
{penetra-fresta}, bárbara esmenia
lundu,, tatiana nascimento
interiorana, nívea sabino
tautologias, daisy serena
sangue, nanda fer pimenta
periférica, kika sena
mil994, tatiana nascimento
afroqueer existência: dor luta amor, pedro ivo
tribadismo : mas não só – 13 poemas a la fancha + 17 gritos de
abya yala, bárbara esmenia
maravilha marginal, letícia fialho

cole-sã Odara

percursos estéticos: abordagens originais sobre o teatro do
oprimido, bárbara santos

todos os títulos da cole-sã escrituras
estão disponíveis pra venda (impressos) ou download gratuito (.pdf) no
portal:

www.literatura.lgbt

conheça o site da padê:
www.pade.lgbt